



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**Armadilhas da Tolerância no Al-Andalus:
Uma estratégia de autoridade no *Apologeticum Adversus Elipandum***

ISABELA ALBUQUERQUE PAIVA

BRASÍLIA

2021

ISABELA ALBUQUERQUE PAIVA

Armadilhas da Tolerância no Al-Andalus:

Uma estratégia de autoridade no *Apologeticum Adversus Elipandum*

“Trabalho de Conclusão de Curso” apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Duarte Rust

BRASÍLIA

2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Leandro Duarte Rust – Universidade de Brasília
(Orientador)

Prof.^a Dr.^a Cláudia Costa Brochado – Universidade de Brasília

Prof.^a Dr.^a Maria Filomena Pinto da Costa Coelho – Universidade de Brasília

Armadilhas da Tolerância no Al-Andalus:

Uma estratégia de autoridade no *Apologeticum Adversus Elipandum*

Resumo: A tolerância religiosa no Al-Andalus tem sido tratada na historiografia como um problema central para compreender as relações que se estabeleceram entre muçulmanos, cristãos e judeus. Muitos historiadores têm dividido opiniões sobre o Al-Andalus ter sido um lugar de tolerância e convivência. A proposta do presente artigo consiste em analisar possibilidades do uso do termo *tolerância* neste contexto. Para isso, faremos a análise da fonte *Apologeticum Adversus Elipandum*, texto acusatório escrito por Beato de Liébana contra Elipando de Toledo. Nele, o autor protagoniza uma disputa dogmática cristã na Hispania do século VIII, então Emirado de Córdoba. Dados os indícios da fonte, buscaremos observar em que medida é viável o uso do termo, e como ela se relaciona com a historiografia.

Palavras-chave: Tolerância, Elipando de Toledo, Beato de Liébana, Al-Andalus, Alta Idade Média.

Introdução

Ao pensar em um bispo cristão em terras muçulmanas, podemos ser levados a uma imagem de um clérigo empenhado em manter seu alinhamento com a fé, levando uma vida à margem e desdobrando-se para sobreviver em um ambiente hostil. Uma figura que de fato ocupou este posto, mas com consequências muito distintas, foi Elipando. Ascendendo ao arcebispado de Toledo, ele se apresenta como uma peça-chave na sociedade do Al-Andalus¹. Embora se saiba pouco sobre sua origem, os registros indicam que Elipando participava ativamente da vida política da cidade, associando-se aos altos comandos do emirado e tendo um bom convívio com as autoridades muçulmanas.² A parte da vida do arcebispo de Toledo que foi mais documentada se refere a sua longa disputa dogmática contra membros da Igreja. Nas chamadas teses adocionistas, questionava sobre a natureza da filiação de Jesus, e afirmava que este era filho adotivo de Deus, tendo nascido como humano e adquirindo posteriormente sua divindade³. Elipando ficou marcado por representar uma dupla dissidência religiosa: primeiro, por professar uma fé distinta daquela dos governantes de seu lugar; e segundo, por provocar e questionar sua própria igreja. Sua discordância sobre um dogma já instituído o faz receber acusações de heresia vindas de diversas partes. Uma das mais marcantes para a historiografia foi a do Beato de Liébana, também membro do clero hispânico. Como monge do Mosteiro de São Toríbio, Beato estaria em uma posição hierárquica inferior à de Elipando, no entanto, isso não o impediu que fizesse fortes objeções. No livro *Apologeticum Adversus Elipandum*,⁴ onde elabora comentários contrapondo o adocionismo, ele diz:

¹ *Al-Andalus* é como é tradicionalmente chamada a extensão dos governos muçulmanos que existiram na península ibérica entre os séculos VIII e XV. Após a queda da dinastia Omíada na sede do califado em Damasco, o Al-Andalus passa a ser um governo muçulmano independente, o autoproclamado Emirado de Córdoba. No período que corresponde à análise deste artigo, o Al-Andalus faz fronteira com o Reino das Astúrias e o Império Carolíngio ao norte de sua extensão.

² SOLARES ACEBAL, Daniel. *Minorías Religiosas en la Península Ibérica: Los Mozárabes*. España, 2013

³ A crença no adocionismo se choca com o dogma da Trindade, já que este último presume a divindade inata de Jesus, sendo ele consubstância divina. O dogma foi firmado no II Concílio de Constantinopla em 553, motivo pelo qual Elipando será acusado de heresia.

⁴ ECHEGARAY, Joaquin Gonzalez; CAMPO, Alberto Del; e FREEMAN, Leslie G. SOTO, Jose Luis Casado. *Beato de Liébana. Obras Completas y Complementares II: Documentos de su entorno histórico y literário*. Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 2004.

Dices que yo soy el espíritu mentiroso del error. Cuando dices esto, claramente se da a entender que afirmas que tú eres veraz, pues dices que yo soy mentiroso. [...] Muchos de los que leen tus oscuras palabras se dan cuenta que escribes en alegoría, para que surjan discusiones entre los intérpretes, y te comenten como a un nuevo profeta que he hablado de forma enigmática.⁵

A controvérsia entre Beato e Elipando pode emitir alguns sinais sobre como se davam as relações entre clérigos que, em um cenário político dominado pelo islamismo, refletem sobre dogmas. Até que ponto era possível manter uma querela teológica estando sob outro domínio religioso?

Por muito tempo, a Espanha muçulmana foi lembrada na historiografia por ter sido um lugar de tolerância religiosa, onde houve a coexistência pacífica entre cristãos, judeus e muçulmanos. Nesse sentido, ela teria sido um lugar exemplar, que superou conflitos de fé e demonstrou ser possível o convívio. Alguns historiadores da atualidade têm questionado essa teoria, tensionando fontes que apontam para uma direção oposta. Neste artigo, pretendemos analisar alguns trechos do *Apologeticum*, a fim de responder a seguinte pergunta: há indícios de tolerância na Espanha muçulmana nesta fonte? Quais as consequências desses indícios?

Sentidos Contemporâneos de Tolerância

Tratar a questão da tolerância implica, como em todo conceito histórico, pensar em um campo semântico bidimensional: um eixo vertical que apresenta diversos níveis de sentidos da palavra na atualidade; e outro horizontal, que mira em direção ao passado, trazendo reminiscências. Podemos entender o uso da palavra em trabalhos historiográficos como um ponto de intersecção entre esses dois eixos, uma combinação entre passado e presente. Assim, apontar os sentidos do termo em ambos os tempos nos ajuda a compreender como surgiu o chamado “mito do paraíso andaluz”⁶. Devemos nos atentar ao uso do termo para que ele não caia em simplificações, ou assumimos o risco de torná-lo um ponto irrefletido na pesquisa, tratando como algo dado. Partindo dessa premissa, elencaremos 3 pontos que firmam conceito de tolerância que será utilizado nesta pesquisa.

⁵ BEATO DE LIÉBANA. *Apologeticum Adversus Elipandum. Liber Secundus*, 5. P. 831

⁶ Referente à publicação de 2016 de Dario Fernández-Morera, *El Mito del Paraíso Andalusí*, onde buscou confrontar a tese de que houve tolerância religiosa na Espanha muçulmana medieval. Além de divergir de uma parcela considerável da historiografia tradicional espanhola trazendo novas perspectivas através de fontes, o autor também aborda como o uso do “mito” ainda é utilizado para sustentar discursos políticos.

O primeiro aspecto da tolerância seria o cenário que a precede: uma situação de choque de diferenças. É necessário que haja algum tipo de discordância prévia. Porém, a diferença sozinha não faz a tolerância, é apenas o seu impulso inicial. O momento em que a diferença deixa de ser uma situação prévia e se transforma em um problema de tolerância pode ser um primeiro passo para o entendimento do termo. A forma como essas diferenças serão recebidas é o que nos leva à definição de tolerância. Ela ocorre quando há coexistência sem haver, contudo, uma convergência. Segundo o dicionário Michaelis de Língua Portuguesa, “tolerante” é:

1. Que ou aquele que é dotado de tolerância; condescendente, indulgente.
2. Que ou aquele que desculpa certas faltas ou erros.
3. Que ou aquele que admite ou respeita, embora não reconheça, opiniões contrárias às suas.⁷

Partindo do significado apresentado no verbete, podemos observar um segundo ponto: a regra. A tolerância se define pela autoridade de um em relação a outro. O tolerante é detentor de um poder: o de conceder a tolerância aos desviantes. O tolerante permite que algo ocorra, mesmo que esse algo não seja a princípio aceito. É uma área cinzenta entre a aceitação e a não-aceitação, onde há reconhecimento, mas não incorporação. Além disso, a tolerância não se restringe a um sentimento, mas pode se realizar em forma de ação, através de uma palavra dada ou um lugar cedido. Diferente daqueles que excluem ou eliminam, o tolerante é aquele que promove a ordem, admitindo a diversidade em nome da paz. Essa forma de compreender a tolerância está diretamente associada a discussões sobre direitos e liberdades. Uma referência filosófica que contribuiu para o entendimento atual de tolerância religiosa é o inglês John Locke, que no final do século XVII escreve a chamada *Carta Acerca da Tolerância*, onde a considerou uma saída viável para organização da vida civil após o crescimento das seitas protestantes⁸:

⁷Dicionário Online de Português Michaelis. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 3 de nov. De 2021.

⁸ É importante ressaltar que para Locke, a tolerância não era um fim em si mesma, não tinha como objetivo apenas a paz. Na sua concepção liberal, a tolerância religiosa seria a base que moldaria o Estado laico, pensamento que segue como modelo para muitos Estados contemporâneos. A tolerância como caminho para a laicidade não está presente na análise do contexto medieval que abordaremos mais à frente.

Não é a diversidade de opiniões (o que não pode ser evitado), mas a recusa de tolerância para com os que têm opinião diversa, o que se poderia admitir, que deu origem à maioria das disputas e guerras que se têm manifestado no mundo cristão por causa da religião.⁹

Considerando este contexto, podemos entender a tolerância como uma questão construída a partir de valores alinhados com seu tempo. Utilizando o exemplo do desenvolvimento da tolerância enquanto pressuposto para os Estados laicos, é possível observar que o conceito aparece junto a uma demanda social, e da mesma forma ocorrerá em outros períodos.

Pensando no Brasil do século XXI, o termo “tolerância” também aparece como questão central no debate sobre diversidade religiosa. Após uma longa caminhada dos direitos civis no país e no mundo, o princípio da laicidade aparece na Constituição de 1988 como um dos direitos fundamentais do Estado brasileiro. O princípio adquire força na lei 9.459 de 1997, que trata dos crimes de discriminação étnica e religiosa, criminalizando a intolerância, embora a palavra não apareça explicitamente no texto¹⁰. Já a lei 17.346 de 2021 do estado de São Paulo, menciona o termo ao colocá-lo no seu primeiro artigo que “se destina ao combate à intolerância”.¹¹ A presença do termo no debate atual sugere novas demandas sociais, que agora adquirem aspectos distintos. Ampliando ainda mais o horizonte de possibilidades de crenças, a tolerância religiosa se torna algo legalmente exigido.

Partindo dessas observações, coloca-se o terceiro ponto que define a noção de tolerância nesta pesquisa: o juízo positivo sobre o termo. Tolerante é, em todos os

⁹ LOCKE, John. Carta Sobre a Tolerância. In: Segundo Tratado sobre o Governo Civil: ensaio sobre a origem, os limites e os fins verdadeiros do governo civil. Vozes. Petrópolis, 1994.

¹⁰ BRASIL. Lei nº 9.459 de 13 de maio de 1997.

"Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional."

"Art. 20. Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional."

¹¹ BRASIL. Lei nº 17.346 de 12 de março de 2021 de São Paulo:

"Artigo 1º - Fica instituída a Lei Estadual de Liberdade Religiosa no Estado de São Paulo, que se destina a combater toda e qualquer forma de intolerância religiosa, discriminação religiosa e desigualdades motivadas em função da fé e do credo religioso que possam atingir, coletiva ou individualmente, os membros da sociedade civil, protegendo e garantindo, assim, o direito constitucional fundamental à liberdade religiosa a toda população do Estado de São Paulo.

exemplos citados, uma característica positiva, uma qualidade que tem tido ascensão junto aos direitos humanos, quase sempre fazendo referência à religião e à diversidade religiosa. Definir uma pessoa ou grupo como tolerante ou intolerante, significa hierarquizar os que primam pela diversidade e pela não-violência. O argumento da tolerância tem sido instrumentalizado para qualificar situações entre grupos étnico-religiosos: aquele que é mais tolerante está alinhado com os valores humanitários.

Um exemplo e exemplifica este último ponto é o caso dos muçulmanos em diversos períodos históricos. Seja acerca dos seus posicionamentos em relação a outras religiões, seja sobre suas relações políticas, os muçulmanos foram circundados pela ideia da tolerância e da intolerância. Repetidas vezes, atribuir a tolerância ou a falta dela foi um recurso utilizado para legitimar discursos políticos sobre os muçulmanos. Hoje, falar sobre tolerância e islamismo provavelmente levará a tópicos como extremismos, as grandes travessias de refugiados, ou mesmo o estereótipo dos muçulmanos criada pela mídia. Todos esses temas se correlacionam, e podem se tornar particularmente sensíveis em regiões do mundo onde há um contato maior entre grupos da religião maometana. A seguir, trataremos de um caso em específico: o da Espanha, lugar onde o debate sobre a tolerância ocorre de forma ininterrupta, muitas vezes reportando a um passado tão antigo quanto suas tradições.

Devido a sua localização geográfica, a Espanha hoje faz parte da rota de muitos dos refugiados de regimes extremistas islâmicos. A chegada massiva de pessoas encontra ali uma grande diferença cultural, de um país que tem o catolicismo como um dos maiores marcadores da sua cultura tradicional. Temos, portanto, uma situação de diferença, um embate cultural, onde um lado possui o potencial de praticar a tolerância. Resta saber: o governo e a população espanhola admitirão a presença dessa diferença? Muitos pesquisadores já se dedicam a estudar o tema, e muitos buscam encontrar a resposta pelo estudo da história.

Tolerância na História Medieval

Grupos de intelectuais, dentre eles historiadores, vêm se debruçando sobre a temática da tolerância pela sua emergência política, e reconhecem que ela não se

resume apenas aos acontecimentos mais recentes. Na Espanha, há uma vasta memória construída acerca dos muçulmanos, assim como sobre a sua interação com o catolicismo, parte fundamental da cultura do país. Grande parte dessa memória baseia-se nas narrativas sobre a chegada do islamismo na Península Ibérica, a instauração de governos muçulmanos que estiveram presentes na região entre os séculos VIII e XV¹². Somado a isso, ainda há o mito fundador espanhol da Reconquista, que centra a concepção da Espanha como um reino unificado a partir da tomada dos domínios muçulmanos pelos reinos de Castela e Aragão, representados pelas figuras dos Reis Católicos. Para alguns, a afirmação do cristianismo através da sua oposição ao islamismo é um dos princípios que estabelecem a própria nação Espanhola¹³. Outros reconhecem que até os seus últimos anos de ocupação, os muçulmanos foram tolerantes com os cristãos e judeus que viviam em seus territórios.

Neste ponto, o conceito de tolerância é essencial. Julgar os muçulmanos daqueles tempos como tolerantes fará com que, em primeiro lugar, eles sejam considerados dignos de pertencer à história da Espanha, e que além disso, que possam eles também serem tolerados. Considerar os muçulmanos como uma parte importante da história espanhola foi um longo processo e o nome de Américo Castro se destaca entre aqueles que pensaram a história da Espanha desta maneira. O historiador propôs a incorporação do termo *tolerância* como um marco que distingue a cultura do país. Em sua obra *La Realidad Historica de España*, onde busca as origens da cultura espanhola, e assume a existência de uma tolerância por parte dos muçulmanos. Para o autor, essa característica se dava, em primeiro lugar, porque o islamismo teve de assumir, a princípio, a diferença entre cristãos e judeus, a ponto de definir a tolerância como uma “*doutrina corânica*”. Em segundo, porque ela poderia ser um instrumento facilitador na dominação sobre territórios que possuíam alguma diversidade religiosa:

La indiferencia hacia la realidad sustancial de las cosas enlaza con pensamientos como éste: ‘los caminos llevan a Dios son tan numerosos como las almas de los hombres’. Esa postura básica de tolerancia [...] se fortificó durante la expansión del Islam, a cuyo dominio político hubieron de someterse rápidamente pueblos de creencias muy diversas; la convivencia religiosa facilitaba la explotación de los países conquistados, y ofrecía la

¹² Segundo a periodização mais tradicional.

¹³ GARCÍA SANJUÁN, Alejandro. Al-Andalus en el nacionalcatolicismo español: la historiografía de época franquista. In: El franquismo y la apropiación del pasado. Pablo Iglesias. Madrid, 2016.

*posibilidad su interés en los cambiantes aspectos de la vida, lo mismo junto al Eufrates que junto al Ebro.*¹⁴

O autor também relaciona a tolerância com a convivência, termo utilizado por ele quando destaca um cotidiano onde a cultura religiosa desses grupos se funde. Castro traz a ideia de que assim como o cristianismo, o islamismo e judaísmo também foram partes constituintes da identidade espanhola, e não um absoluto outro que se desvia de sua história. Ao longo do texto, o autor traz diversos exemplos em que as culturas islâmica e judaica, e estas com a cristã, se tensionaram e conviveram de formas mais ou menos tolerantes até o século XV. Sua hipótese desmonta a oposição que se fazia entre espanhóis cristãos e árabes muçulmanos, a mais comum entre seus contemporâneos, apontando para uma interpretação alternativa de um Al-Andalus diverso, que interseccionava esses povos aparentemente distintos.

Alguns conceitos são apresentados ao longo do texto para a sustentação dessa tese. O primeiro é o conceito de sistema de castas. Para o autor, a casta é uma referência de herança religiosa, sendo marcada na historiografia posterior como a precursora da ideia da “Espanha das três castas” – cristã, islâmica e judaica. O pertencimento a um desses grupos religiosos aparece como um fator crucial para a formação da identidade, que, em um primeiro momento, pode-se definir pela oposição, motivo que explicaria a guerra e a resistência; ou, em um segundo, que estabelece relações de identificação. Nesse sentido, Américo Castro faz referência aos etnógrafos de sua época, que apontam o choque cultural como um exercício de distanciamento e aproximação, onde o convívio se dá pela tentativa de neutralização das realidades distintas postas em questão. Até mesmo a guerra é citada por ele como um mecanismo de contato e formador de identidade, e como já é sabido, é comum encontrar semelhanças nas formas estruturais desses grupos analisados por Castro, já que possuem raízes comuns. Essa convivência e tolerância fez com que Castro diferenciasse a Espanha de outras regiões da Europa.

Pensando diferentemente, o historiador Claudio Sánchez-Albornoz faz uma crítica ferrenha a Castro, considerando que a Espanha muçulmana teria sido muito mais um lugar de conflito do que de convivência. Para ele, a cultura árabe-islâmica não faria totalmente parte da cultura espanhola, porque esta é essencialmente cristã e ocidental.

¹⁴ CASTRO, Américo. *La Realidad Histórica de España*. Cidade do México: Editorial Porrúa, 1970.

Sánchez-Albornoz dedicou um volume inteiro a rebater as reflexões de Castro em cada dos capítulos da obra *España: Un Enigma Histórico*. Pode-se considerar duas grandes diferenças na abordagem dos autores. A primeira é sobre a origem da mentalidade espanhola. Para Américo Castro, a origem cultural dessa mentalidade remete aos semitas, enquanto que para Sánchez-Albornoz ela pertence aos povos germânicos. Emergindo dessas colocações, Américo aponta que o sentimento identitário nacional espanhol se funda na alteridade e na convivência, ao contrário de Sánchez-Albornoz, que a coloca na unidade e na causa da Reconquista. Sobre os posicionamentos de Sánchez-Albornoz, o historiador Juan Pablo Domínguez escreveu:

Pero si como político le interesaba combatir los defectos de España, como historiador era reacio a admitir que esos defectos existieran, y aún menos, que tuvieran orígenes raciales. En su afán por borrar las huellas semíticas de la historia de España, no le bastó conminimizar la entrada de árabes en la Península, sino que pronto empezó también a afirmar que, en la España medieval, musulmanes y cristianos habían tenido un contacto mucho menor de lo que con frecuencia se creía.¹⁵

Os posicionamentos de Américo Castro e Sánchez-Albornoz traçaram uma bifurcação importante na historiografia espanhola. Embora a discussão dos autores tenha ocorrido em meados do século XX, a obra de ambos é amplamente estudada até hoje, seguindo uma tendência de revisão das suas teses. Em geral, a maior parte dos historiadores espanhóis reconhece a importância da obra de Américo Castro no que diz respeito à valorização da cultura árabe-muçulmana como parte de sua história. Incluiu-se ainda o amplo uso de fontes do período em língua árabe, que expandiu o horizonte de análise do período e que passou a integrar um princípio básico das pesquisas sobre a Espanha medieval. O historiador Hans-Ulrich Gumbrecht ao falar sobre Castro, aponta:

Como han hecho ver innumerables y tempranas críticas por parte de los historiadores, la importancia de la perspectiva castrista sobre la cultura nacional española no reside en la producción de datos históricos, tan nuevos como irrefutables, sino en la combinación de una sensibilidad con respecto a culturas ajenas, el desarrollo de oposiciones binarias hacia una estructura ternaria de dimensiones más complejas, y la abstención rigurosa de una codificación exageradamente moral.¹⁶

¹⁵ DOMINGUEZ, Juan Pablo. Claudio Sanchez-Albornoz y la “España Musulmana”. In: Jesús Longares Alonso: el maestro que sabía escuchar. Universidad de Navarra, 2016.

¹⁶ GUMBRECHT, Hans Ulrich. Américo Castro y la historia de los debates sobre la identidad española. Iberoamericana. Año 10, nº 38. P. 99-102. 2001.

Quanto às críticas, quase todas se centram em um aspecto considerado ambíguo no autor: ele admite as ideias de convivência e tolerância, descreve diversos episódios e anexa documentos que embasam essa hipótese, e, ao mesmo tempo, também cita situações de conflito e intolerância. Sobre esses últimos, Castro não se dispõe a adentrar em minúcias, tampouco referencia documentos,¹⁷ tratando-os como pontos fora da curva. Para diversos autores, essa pode ter sido uma manobra argumentativa de Américo Castro para não abalar a sua hipótese. Esta avaliação já havia sido apresentada por Sánchez-Albornoz, e segue sendo considerada um ponto de fragilidade na sua tese. Outro ponto questionado atualmente é o uso anacrônico do termo tolerância. Sobre esse tópico, Juan Valero Moreno explica:

En sentido estricto no solo no existió um concepto de tolerancia en la Edad Media – tanto en la península ibérica como fuera de ella -, sino que no pudo existir, porque ello implicaba en un agudo cambio de conciencia, una revolución copernicana de la ética en el Occidente que solo se verifica, con ciertas garantías, a partir de la segunda mitad del siglo XVII, tras um período de gravísima crisis religiosa e intelectual em toda Europa que llevó o los primeros despuntes de um pensamiento laico”¹⁸

Mesmo assim, a tese da tolerância de Castro parece ainda satisfazer outros autores que encontram nela uma forma de concepção identitária múltipla, que parece ser uma espécie de inovação historiográfica para sua época. Dentre os historiadores que enfatizam esse aspecto, Britta Voss se destaca:

Castro se ve confrontado em uma imagen historica estática, según la cual ‘la España cristiana era um mundo fijo sobre el cual caían palabras, literatura o instituciones musulmanas’. Em oposición a ello, Castro desarrolla uma concepción de la génesis sustancial de ‘lo español’ que a su parecer hereda aspectos de los moros de la época medieval, y, al mismo tiempo, se diferencia de ellos. [...] Pero no solo las adaptaciones (voluntarias) de características culturales o materiales de los musulmanes las que determinan la formación de uma identidad española, sino también la simbiosis omitidas, negadas, la negativa de ciertos aspectos de la casta dominante.¹⁹

¹⁷ A partir da leitura do *Realidad Historia de España*, é possível atestar que, ao se deparar com episódios de violência por parte do governo muçulmano, Américo tende a colocar esses eventos como sendo excessões à regra, sempre retornando ao argumento da convivência e da tolerância.

¹⁸ VALERO MORENO, Juan Miguel. Américo Castro: la invención de la tolerancia. Estudios sobre la Edad Media, el Renacimiento y la Temprana Modernidad. San Millán de la Cogolla: Instituto Biblioteca Hispánica de Cilenguas, 2010

¹⁹ VOSS, Britta. La imagen do los ‘moros’ en la obra de Américo Castro. *Iberoamericana*. Ano 10, nº 38. P.135–142. 2001.

Diversos autores críticos a Castro têm publicado acerca do tema, e em sua maioria, concentram suas argumentações no fato de ter ignorado fontes que apontavam sinais de violência ou intolerância. Partindo disto, o movimento atual dos estudos sobre a tolerância busca primeiro evocar as fontes, e só então selecionar sinais que podem afirmar ou não a tese. Dentre os autores mais conhecidos atualmente que defendem o argumento do Al-Andalus como lugar de intolerância, podemos citar Alejandro García-Sanjuán, Eduardo Manzano Moreno e Dario Fernández-Morera. Todos eles defendem que episódios de violência, embargos e exílio forçado são indícios de que o governo muçulmano não era um exemplo perfeito de tolerância. Porém, diferentemente de outros historiadores, eles reconhecem que esse passado, embora não correspondendo ao idealizado, também faz parte da história da Espanha.

Análise documental: há tolerância no *Apologeticum Adversus Elipandum*?

Nesta seção, faremos um exercício similar ao dos autores mencionados acima, buscando nas fontes primárias respostas, ou, ao menos, vestígios do suposto ambiente de tolerância. A seleção da fonte *Apologeticum Adversus Elipandum* se deu pelo fato de que ela possibilita a análise de personagens que vivenciam o momento da presença muçulmana, e ao mesmo tempo, se mantêm nas suas práticas religiosas cristãs. Os fragmentos escolhidos para serem analisados pertencem ao livro escrito pelo Beato de Liébana. Nele, o monge asturiano responde a críticas e acusações feitas por Elipando de Toledo contra ele, acusando-o de heresia por não ter acatado o adocionismo:

Dices que yo soy el espíritu mentiroso del error. Cuando dices esto, claramente se da a entender que afirmas que tú eres veraz, pues dices que yo soy mentiroso. Dices a tu Fidel lo que pienso que antes él te lo había dado a conocer: 'Pero como he oído que há aparecido entre nosotros el precursor del Anticristo, el que anuncia que ya ha nacido, te ruego que preguntes dónde, o cómo, o cuándo nació. Que aquel espíritu mentiroso de los profetas, que habla em él, nos vuelva a preocupar.' Muchos de los que leen tus oscuras palabras se dan cuenta que escribes em alegoría, para que surjan discusiones entre los intérpretes, y te comenten como a um nuevo profeta que he hablado de forma enigmática. [...] Y de qué sabes que soy el precursor del Anticristo, yo que de forma especial soy el anunciado por ti, cuando dices: 'ya apareció entre nosotros?' Qué significa entre vosotros, o cuántos sois vosotros, em cuyo medio estoy? Debes nombrar la especie de tus partidarios, como la de la parte del Anticristo. Pues el nombre del Anticristo no es outra cosa que el que es contrario a Cristo. Y cuando se halla a uno que es contrario a Cristo, parece que es mentiroso. Y cuando se manifestó el mentiroso, aparece que es hijo del

*diablo. Y todo mendaz es hijo del diablo, porque el diablo, como hemos dicho antes, es el padre de la mentira.*²⁰

Durante todo o livro 1, Beato concentra esforços em contrapor os argumentos de Elipando em seus diferentes aspectos. Neste trecho, Beato responde a críticas pessoais que teria sofrido, fazendo a citação direta: “ *Pero como he oído [...]*”, trecho supostamente retirado dos textos de Elipando. Vê-se que a discussão entrelaça a esfera teológica, combinando-a com acusações de natureza pessoal. De ambos os lados, surgem alegações de que possuem um “caráter mentiroso”, solo que permite brotar a heresia. Ao longo do debate, é possível reconhecer que, embora os dois estejam fazendo a mesma acusação, a forma como é construída a imagem de um e de outro é distinta. Beato constrói sua denúncia recorrendo constantemente a um exercício retórico, um espelhamento das premissas de Elipando. Expor as fragilidades e contradições de Elipando dentro de seu discurso é o caminho escolhido por Beato. No excerto, a primeira questão colocada por ambos é sobre quem são “nós” e os “outros”. Ao que se sugere, a quem Elipando teria chamado de “nós” abre espaço para interpretação. O “nós” seriam aqueles que se uniram a ele na defesa do adopcionismo, enquanto que os “outros” seriam “hereges”, “mentirosos”, “partidários do Anticristo”? Ou ao dizer “nós”, ele se referia aos membros da Igreja como um todo? O segundo caso parece ser mais lógico. Quando diz: “*a aparecido entre nosotros el precursor del Anticristo*”. Beato se apega a este ponto e enfatiza a sua discordância em fazer parte do grupo de Elipando: “*Y de qué sabes que soy el precursor del Anticristo, yo que de forma especial soy el anunciado por ti, cuando dices: ‘ ya apareció entre nosotros?’ Qué significa entre vosotros, o cuántos sois vosotros, em cuyo medio estoy?*”

A segunda questão é a associação da mentira, ou da heresia com o diabo: “*Y cuando se halla a uno que es contrario a Cristo, parece que es mentiroso. Y cuando se manifestó el mentiroso, aparece que es hijo del diablo.*”. A forma como Beato coloca os posicionamentos de Elipando como algo que parte da mentira e do Anticristo define uma outra versão sobre “nós” e “outros”. Para Beato, Elipando pertence “a uma outra Igreja”, uma outra diferente da sua. Elipando estaria provocando uma cisão no clero: “*Debes*

²⁰ BEATO DE LIÉBANA. *Apologeticum Adversus Elipandum. Liber Secundus*, 5. P. 831

nombrar la especie de tus partidarios, como la de la parte del Anticristo”. Para Beato, não há possibilidade de defender o adocionismo se este vai de encontro à Igreja, pois isso significaria o mesmo que ser herege, ou “ser da parte do Anticristo”. No trecho seguinte, podemos notar outros aspectos:

*He aquí expuesta una y otra fe. Pero nosotros por esta fe que defendemos no estamos dispuestos no solo al exilio, sino también a morir. El mar que se agita e se enfurece, pero labarca no se hunde, porque la fe no duda. Caen las lluvias de los herejes, soplan los vientos de las persecuciones, se desbordan los ríos, es decir, las amenazas e los terrores de los herejes, pero la casa no se derrumba de su cimiento, porque hace tiempo está construída por la mano del artífice sobre una roca firmísima con piedras de cantero. Y ‘aunque venga un ángel del cielo’ (Gal 1,8) que pretenda introducirnos vuestra fe extraña, para nosotros sera considerado anatema hasta la venida del Señor. Y porque, como hemos dicho, son inminentes los vientos y las riadas, no hay duda que sera destruida de raíz la casa que está fundada sobre arena. ¿Qué es la arena, sino las herejías? Y como hay muchos herejes, inventan también muchas mentiras, porque sostienen opiniones contrarias a la fe católica, e incluso ni entre sí pueden ponerse de acuerdo. Ved el campo de las Escrituras, y un solo Cristo, y sin embargo está dividido entre dos partes: de la parte que cree rectamente en Cristo, como él mismo dice, ‘brotarían de su seno ríos de agua viva’ (Jn 7,38), Y como tiene a Cristo, tiene también la Ley e el Evangelio. Pero de la parte que no tiene a Cristo, no podrá brotar de ella esa agua, ni servirá para encauzar en ella los ríos que nos ha inspirado el Espíritu Santo, sino, sin duda, llevará en su cauce, aquella agua que Salomón llama laciencia maligna, por la mujer, que es la figura de la herejía, que halaga con cálidos consejos, diciendo: Son más dulces las aguas robadas (Prov 9,7). Y no escribamos filosofando com términos oscuros, sino con sencillez, de manera que todos que nos oigan no necesiten preguntar a otro, sino que todos lo entiendan.*²¹

Beato retoma aqui a ideia de “uma outra Igreja”. Destacamos a menção que ele faz ao exílio: “*Pero nosotros por esta fe que defendemos no estamos dispuestos no solo al exilio, sino también a morir*”. Essa referência pode ser entendida como uma situação já existente, porém de duas diferentes maneiras. A primeira, na condição de cristãos “exilados” em terras muçulmanas, que se esforçam para manter a sua fé em um ambiente hostil. Outra interpretação, esta mais usual, é tratar o exílio como a situação literal em que se encontrava Etério de Osma, coautor do *Apologeticum*. Etério foi de fato exilado de seu bispado quando da tomada da diocese de Osma pelos muçulmanos, passando a viver em Liébana. Essa mudança o leva a convivência com Beato e a tomar parte de suas ideias. De uma forma ou de outra, ao dizer que “*estamos dispuestos no solo al exilio, sino también a morir*” o que se pretende é falar da fé como algo inabálavel, que resiste a pressões e não sucumbe a questionamentos. Para tratar desse tema, é feita a analogia da

²¹ BEATO DE LIÉBANA. *Apologeticum Adversus Elipandum*. Liber Primus, 14. P. 689.

fé como um lugar construído, através da conhecida imagem da Igreja de Pedro, fundada em rocha, que suporta “ventos e rajadas”. Essa imagem é acionada por Beato para enfatizar a importância de reforçar as bases da Igreja, respeitando seus dogmas e preceitos respaldados nas escrituras – não as questionando, como teria feito Elipando.

A queixa de Beato ultrapassa a questão adocionista. Para ele, Elipando provoca uma cisão da Igreja, já tão acometida pela adversidade de estar sob julgo muçulmano. Salientar a questão da unidade da Igreja é importante para Beato como uma forma de manter a fé coesa, edificando uma fortaleza interna, ao rejeitar as heresias; e externa, ao resistir ao avanço muçulmano. Por fim, os autores do *Apologeticum* não se veem em um cenário de coexistência, mas de resistência, seja em relação aos muçulmanos, seja com os cristãos “hereges” da península.

Embora tenha sido escrito em circunstâncias de tensão entre cristãos e muçulmanos, o tema central do *Apologeticum* é um conflito interno à cristandade. No trecho a seguir, Beato trata sobre a possibilidade de se desvincular da diocese:

Hemos manifestado la fe propia de nuestra Iglesia; manifeste ahora señor Elipando la fe desu Iglesia, en cuya fe nos arguye, para que creamos así, o en caso contrario, seamos tenidos por desterrados de su diócesis. Entonces fue leída su misma carta, muy contraria a nuestra fe, ya que contiene cosas que no aparecen escritas ni en el Antiguo ni en el Nuevo Testamento. Aquellas afirmaciones de su fe desconocida para nosotros; las hemos reunido, y para conocerlas con más facilidad, las hemos resumido en una página, a manera de un símbolo, en un breve compendio. Y en su contra hemos puesto el Símbolo del concilio de Efeso, para que viera en qué gran medida estaba en desacuerdo con nuestra fe.²²

Beato demonstra aqui o seu desejo de não pertencer a mesma igreja de Elipando. Pode-se entender isto como uma forma de sublevação da hierarquia, um questionamento da autoridade de Elipando como bispo de Toledo e superior de Beato. De certa forma, o questionamento da hierarquia se dirige especificamente a Elipando e aos defensores do adocionismo. Ao colocar-se contra esses posicionamentos considerados heréticos pela Igreja, Beato reafirma a autoridade da mesma e dos seus dogmas.

²² BEATO DE LIÉBANA. *Apologeticum Adversus Elipandum*. Liber Primus, 38. P.711.

Em alguns pontos do texto, o monge faz transcrições de trechos que teriam sido retirados da defesa de Elipando. Não é possível ter certeza de que esses trechos não foram modificados, mas ainda assim, é interessante observar como ele os apresenta de forma estratégica. Sobre a tensão hierárquica em que se encontravam, é possível observar em um dos trechos selecionados a inquietação de Elipando sobre a discordância de seus subalternos:

'ELIPANDO DICE'

Quien no confesare a Jesus Cristo es hijo adoptivo en su humanidad, es un hereje y debe ser eliminado. Arrancad el mal de la vuestra tierra (1Cor 5,3). No me preguntan, sino que quieren enseñar, porque son siervos del Anticristo. Envío la carta del señor obispo Ascárico, a tu fraternidad, queridísimo Fidel, para que conozcas cuán grande es en los siervos de Cristo la humildad, y cuán grande es la soberbia en los siervos del Anticristo.

*[...] Pero nunca se ha oído que a los lebaniegos hayan enseñado a los de Toledo. Todo el mundo sabe que esta sede brilló por sus santas doctrinas desde el mismo inicio de la fe, y que nunca fue origen de cisma alguno. Y ahora una oveja sarnosa pretende ser nuestro maestro. Sin embargo no quise comunicar estas cosas a nuestros restantes hermanos, antes de que sea cortado de raíz, allí donde surgió, semejante mal. Porque sería para mí una ignominia si esta afrenta se llega a escuchar en la diócesis toledana: porque yo y mis restantes hermanos hace ya tiempo que fuimos jueces en las tierras de Sevilla, y con la ayuda de Dios corregimos la herejía de los Migetianos**, tanto en lo referente a las fiesta de Pascua como en sus demás errores. Ahora, por el contrario, éstos se inventan de acusarnos. Y si se actua sin vigor, y no son corregidos por vosotros, se lo comunicaría a los hermanos y sería para vosotros ignominioso se éstos le reprendieran, estando entre vosotros.*

Instruya correctamente vuestra fraternidad a nuestro adolescente hermano Eterio, alimentado todavía con leche, que aún no ha llegado a la firmeza del conocimiento perfecto; porque no se ha alimentado con maestros óptimos, sino con ignorantes y cismáticos, a saber Félix y Beato, llamados así por atífrasis, iguales en virtud e semejantes en el error. Bonoso y Beato están condenados por el mismo error. [...] Te ruego que, encendidos por el fuego de la fe, estéis tan adorosos en el pleito, que eliminéis dentre vosotros el dicho error. De la misma manera que el Señor por medio de sus siervos erradicó de la religión de la Bética la herejía migetiana, así también, por medio de vosotros, arranque totalmente de la región de Asturias la herejía de Beato. Pero como he oído que ha aparecido entre nosotros el precursor del Anticristo, el que anuncia que ha nacido ya, te ruego que le preguntes dónde, o cómo, o cuándo nació. Que aquel espíritu mentiroso de los profetas que habla en él nos vuelva a preocupar.²³

Ao destacar estes trechos em particular, Beato enfoca o desejo de Elipando de “eliminar os hereges”, revelando sua face intolerante. Na citação, Elipando teria ainda recorrido a Fidel, abade asturiano e seu partidário, para que observasse os sublevados de sua região. Como abade, Fidel poderia estar em uma posição superior à de Beato e

²³ BEATO DE LIÉBANA. Apologeticum Adversus Elipandum. Liber Primus, 43, 44. P.717.

suprimir suas defesas. Apresentar Elipando como uma figura que deseja “destruir os hereges” e que recorre a poderes conflitantes parece ser uma escolha Beato, fazendo-se parecer o oposto. Em um momento anterior, Beato fala sobre a possibilidade do perdão:

*[...] Mas se conoce claramente que tu fe sólo está limitada a ti, y que se haya ligada al antro de tu perfidia. Y esta herejía te hace hereje, porque no crees aquello que cree toda la Iglesia en todo el mundo. Pues la herejía no es sustancia, sino una cualidad en la sustancia. Y no es el hereje que hace la herejía, sino la herejía que hace al hereje. Así como el soberbio no hace la soberbia, sino la soberbia que hace al soberbio, Y cuando abandona la soberbia que tiene, deja de ser soberbio, porque la soberbia no es sustancia, sino una cualidad en la sustancia. El Dios bueno hizo al hombre sustancia buena. Pero la soberbia, que es una cualidad en la sustancia, ha nacido del diablo. Y cuando ésta se encuentra en el hombre, se hace hijo del diablo, porque del diablo nació la soberbia, Y se conoce que uno es soberbio cuando quiere ser ante otro mayor de lo que es. Y cuando se estima a si mismo mayor que otro, él mismo pierde lo que es, y entonces pierde a Dios, de quien procede. Y cuando a perdido a Dios, se hace miembro del diablo, de quien es hijo, no por naturaleza, sino por imitación. Pues así también su autor, el diablo, era bueno, creado por Dios bueno. Y se manifestó soberbio, porque quiso ser más que lo que era. [...] Deja de ser soberbio cuando abandona la soberbia que hay en él. Deja también de ser hereje cuando abandona a la herejía que hay en él. Será siempre hereje el que mantiene en todo momento la herejía en él. Así como será siempre soberbio el que en todo momento mantiene en sí la soberbia. Pues la herejía fue inventada por el diablo, y nació del diablo, lo mismo que la soberbia. Y como existe, y nos es sustancia, no es de Dios, sino del diablo. Pues todo lo que existe y es malo y no es sustancia, es del diablo. Por el contrario, toda sustancia fue creada buena por el Dios bueno. Y es buena mientras no se halle en ella lo que es del diablo.*²⁴

Elipando, segundo ele, poderia renegar a heresia através do arrependimento, e ao fazê-lo, retornaria ao seio da Igreja. O monge também fala sobre a natureza boa do homem, o que se estende a Elipando. Durante toda sua argumentação, Beato busca construir suas críticas pela retórica, pretendendo corrigir o equívoco de Elipando, e não em eliminá-lo. Beato fala, além do pecado da heresia, da soberba. Esta referência parte do já referido espelhamento dos argumentos de Elipando, que o teria chamado de soberbo quando: “*para que conozcas cuán grande es en los siervos de Cristo la humildad, y cuán grande es la soberbia en los siervos del Anticristo*”. Em resposta, Beato fala do soberbo como “*cuando quiere ser ante otro mayor de lo que es*”. Podemos entender que aqui, ele critica Elipando como alguém que se excede em seu comportamento. O mesmo ocorre no trecho a seguir:

Por tanto, predicamos el amor, y no queremos escandalizar a nadie, según el dicho del profeta: ‘Tengan una paz abundante los que aman tu ley y no sufren escándalos’ (Sal 119, 165) Mas tu que te escandalizas de nosotros, dinos por qué. El Señor dice en el Evangelio: ‘Es forzoso que vengan escándalos, pero ay de aquel hombre por quien viene el escándalo’ (Mt 18, 7). Investiguemos dónde tuvo su origen este escándalo, y, según

²⁴ BEATO DE LIÉBANA. Apologeticum Adversus Elipandum. Liber Secundus, 9. P. 837

*dice el Señor, 'ay de aquél que viene el escándalo.' Has inventado una nueva doctrina, y abandonaste aquella que en todo el mundo es anunciada por la boca de todos los bautizados. Y nosotros, desconocedores de su doctrina, no quisimos aceptarla, y abandonar aquella que sostiene la Iglesia por todo el mundo. He aquí de dónde proviene el escándalo en la Iglesia. Ay de aquél por quien viene. Pues nuestra fe es el símbolo, y en éste permanece la Iglesia católica establecida por todo el universo mundo: afirmamos que está difundida, no dividida.*²⁵

Beato expõe que a forma como Elipando defende sua tese e ataca a ele é “escandalosa”, e desmedida. Tal forma de encarar o debate seria contra as escrituras. Ele ainda fala de si e de seus partidários como aqueles que “pregam o amor”, e que “não querem escandalizar ninguém”. Somando-se a isso, os excertos anteriores também demonstram o tom misericordioso de Beato, que concede a possibilidade do perdão, ao contrário do arcebispo de Toledo, que se baseia na difamação, intriga e destruição. Assim sendo, podemos entender o empenho de Beato por uma atitude mais pacífica por parte de Elipando como uma noção de tolerância, tal como a entendemos hoje, embora ele não mencione o termo diretamente.

Reflexões Finais

A partir das análises feitas com os trechos do *Apologeticum*, é possível perceber que ao construir a acusação de heresia contra Elipando, Beato o está acusando também de intolerante. A expectativa de encontrar em tal fonte alguma informação sobre a relação entre cristãos e muçulmanos e a tolerância entre eles, aqui parece ser ofuscada pela disputa dos clérigos. De alguma forma, é possível enxergar a tolerância em um novo aspecto, um que adentra as fronteiras das religiões: a questão deixa o âmbito da relação entre cristianismo e islamismo, tornando-se um tópico importante também entre membros do clero.

Algo que pareceria contraintuitivo para as correntes historiográficas mencionadas, a fonte sugere a possibilidade de analisar a tolerância no Al-Andalus em uma terceira via. Analisando a fonte, podemos compreender a tolerância como algo que aparece na narrativa dos personagens históricos, mas como uma forma de estratégia de

²⁵ BEATO DE LIÉBANA. *Apologeticum Adversus Elipandum*. Liber Primus, 47. P.723.

legitimação. Na medida em que Beato vê em Elipando uma atitude intolerante, ele toma para si o poder de questionar a sua autoridade. A oposição entre a tolerância e a intolerância não seria um fim em si mesma, nem mesmo a origem das relações religiosas da Espanha medieval, como tem sido tratada em quase toda a produção historiográfica. A partir desta análise, é possível considerar a hipótese de que o discurso sobre a intolerância no Al-Andalus trata de algo maior: a disputa de autoridade e posições de poder. Ao apontar a falha, aquele que acusa alguém de intolerante não necessariamente busca *ser tolerado*, mas atribuir a si mesmo a competência de dizer a verdade.

A dinâmica entre tolerância e intolerância no Al-Andalus segue como um problema persistente para a historiografia. Entendê-lo como uma estratégia de poder pode oferecer a possibilidade de novas reflexões. Aquilo que tantos historiadores buscam encontrar como sendo a “origem” de algo, poderia ser, na realidade, uma nova porta que se abre para a pesquisa científica.

FONTE

ECHEGARAY, Joaquin Gonzalez; CAMPO, Alberto Del; e FREEMAN, Leslie G. SOTO, Jose Luis Casado. **Beato de Liébana. Obras Completas y Complementares II: Documentos de su entorno histórico y literário**. Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 2004.

REFERÊNCIAS

AMORIM MENDES, Luanna Klíscia de. **Em defesa da Igreja de Pedro? Controvérsias adocionistas na igreja hispânica (séc. VIII)**. Dissertação de mestrado – Programa de pós-graduação em História, Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2017.

CASTRO, Américo. **La Realidad Histórica de España**. Cidade do México: Editorial Porrúa, 1970.

Dicionário Online de Português Michaelis. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 3 de nov. De 2021.

DOMINGUEZ, Juan Pablo. **Claudio Sanchez-Albornoz y la “España Musulmana”**. In: Jesús Longares Alonso: el maestro que sabía escuchar. Universidad de Navarra, 2016.

FERNANDEZ-MORERA, Darío. **El mito del paraíso andalusí**. Córdoba: Almuzara, 2018

FERRANDÍZ MARTIN, Francisco. *Exhumaciones y políticas de la memoria en la España contemporánea*. Hispania Nova. Badajoz: N° 17. 2007.

GARCÍA-SANJUÁN, Alejandro. **Al-Andalus en el nacionalcatolicismo español: la historiografía de época franquista. (1939-1960)**. In: El franquismo y la apropiación del pasado. Pablo Iglesias, 2017.

_____. **Al-Andalus en la historiografía nacionalcatólica española: Claudio Sanchez-Albornoz**. EHumanista. Santa Barbara: Vol. 37. P. 305-328. 2017.

_____. **Denying the Islamic conquest of Iberia: a historiographical fraud**. Journal of Medieval Iberian Studies. Vol. 13. P.306-322. 2019.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Americo Castro y la historia de los debates sobre la identidad española**. Iberoamericana. Año 10, n° 38. P. 99-102. 2001.

ISLA FREZ, Amancio. El adopcionismo: **Disidencia religiosa en la Península Ibérica (fines del siglo VIII-principios del siglo IX)**. Clio & Crímen: Revista del Centro de Historia del Crímen de Durango. n.1, p. 115-134, 2007.

MANZANO MORENO, Eduardo. **Historia de España, Épocas medievales**. Vol. 2. Critica/Marcial Pons, 2010.

_____. **Beréberes de Al-Andalus: Los factores en una evolución histórica**. Al-qantara: Revista de estudios árabes. Vol.11. P. 397-428, 1990.

ORLANDIS, José. **La circunstancia histórica del adopcionismo español**. Universidad de Navarra. Pamplona, 1999.

RUCQUOI, Adeline. *Adversus Elipandum: El reino de Oviedo y el culto a Santiago*. Santiago de Compostela, 2017.

SANCHEZ SAUS, Rafael. **Un lugar para Al-Andalus en la historia medieval de España**. EHumanista. Santa Barbara: Vol. 37. P. 185-205. 2017

SOLARES ACEBAL, Daniel. **Minorías Religiosas en la Península Ibérica: Los Mozárabes**. Madrid: Seleer, 2013.

VALERO MORENO, Juan Miguel. **Américo Castro: la invención de la tolerancia**. Estudios sobre la Edad Media, el Renacimiento y la Temprana Modernidad. San Millán de la Cogolla: Instituto Biblioteca Hispánica de Cilenguas, 2010.

VOSS, Britta. **La imagen de los 'moros' en la obra de Américo Castro**. Iberoamericana. Año 10, n° 38. P.135-142. 2001.

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

Eu, Isabela Albuquerque Paiva, declaro que para todos os efeitos que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Armadilhas da Tolerância no Al-Andalus: Uma estratégia de autoridade no *Apologeticum Adversus Elipandum*”, foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho é inédito e que nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico, nem foi publicado integralmente em qualquer idioma ou formato.



Brasília, 3 de novembro de
2021